

Economia

Washington Post: bancos estão sendo suicidas

Washington — Os bancos norte-americanos continuam fixando elevadas taxas de juros aos países endividados da América Latina e isso leva a questionar não apenas sua política, mas também seu julgamento, disse ontem um editorial do jornal "The Washington Post".

O editorial afirma que tirar benefícios máximos na região "apenas aumenta a ameaça aos próprios bancos.

"Os bancos devem muito ao Fundo Monetário Internacional (FMI). Sem sua contribuição e sua assistência, teriam ocorrido muitas moratórias nos empréstimos, no ano passado. Que farão os bancos para retribuir isto?", pergunta o jornal.

O jornal disse que o diretor do FMI, Jacques de Larosiere, apresentou uma sugestão que parece razoável para a fixação de novas taxas de juros.

Disse também que se deve levar em conta o comportamento dos países devedores.

Segundo o jornal, os banqueiros não reconheceram, por exemplo, até agora, os esforços do

México, que adotou medidas severas para enfrentar a inflação.

"Foi muito difícil conseguir do Congresso uma lei de apoio ao FMI, porque os parlamentares supunham, erroneamente, que o Fundo estava trabalhando para os banqueiros. Expressões duras contra os bancos precisaram ser apagadas do texto da lei", diz o editorial referindo-se a uma recente Lei em favor do FMI.

O refinanciamento exige várias operações. Mas o preço pelo refinanciamento foi um juro de 1,5 por cento do valor do empréstimo. Num empréstimo de 4 bilhões de dólares, isto significa 60 milhões de dólares. A maior parte disso é pura ganância", diz o editorial.

FMI: pedido argentino não vai afetar Brasil

O representante do Brasil no Fundo Monetário Internacional (FMI), Alexandre Kafka, afirmou ontem que a moratória parcial solicitada pela Argentina não afeta o Brasil. Segundo ele, a situação do Brasil junto à comunidade financeira interna-

cional "é de calma completa, porque tudo está negociado".

Kafka disse acreditar que os banqueiros estrangeiros já se acostumaram ao tipo de atitude tomada pelo governo argentino, lembrando que a Venezuela já fez isso várias vezes.

Questionado sobre a tendência das taxas de juros internacionais, afirmou que deverão permanecer estáveis, sem tendência de alta.

Anunciou que, em fevereiro, com a vinda da próxima missão do Fundo, começarão a ser negociados os créditos do FMI para o Brasil a serem liberados em 1985, que será o último ano de implementação do programa econômico brasileiro.

Social-democrata pede que ajudem Alfonsín

Bonn — O dirigente social-democrata da Alemanha Ocidental, Hans Juergen Wischnewski, pediu ontem aos países da Comunidade Econômica Européia (CEE) que apoiem o jovem governo democrático da Argentina.

Wischnewski, que é presidente para as relações internacionais do Partido Social Democrata (SPD) da Alemanha e membro do "presidium" do partido, fez esse pedido durante uma entrevista à imprensa de Bonn, realizada pouco depois de ter voltado de Buenos Aires, onde assistiu à posse de Raul Alfonsín.

Entusiasta e partidário da intensificação do diálogo entre Bonn e Buenos Aires, Wischnewski insistiu em que a CEE e os membros da Aliança Atlântica "intervenham junto à Grã-Bretanha para que Londres faça um gesto em prol de uma solução para o problema das Malvinas".

Segundo o dirigente do SPD, "o acidente também deve ajudar a Argentina no escalonamento de sua dívida externa", que se eleva a 40 bilhões de dólares. "Os ocidentais — finalizou — não deveriam exportar produtos agrícolas subvencionados aos países do Terceiro Mundo, para os quais a Argentina vende". E, ainda, elogiou o novo governo argentino pelo restabelecimento da defesa dos direitos humanos.